



## O BRINCAR COMO TRABALHO SOCIAL COMUNITÁRIO COM CRIANÇAS

GT 14: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

### Relato de experiência

Amailson Sandro de Barros<sup>1</sup>(Docente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT)  
[amailson.barros@ufmt.br](mailto:amailson.barros@ufmt.br)

Anna Julia Silva de Lira<sup>2</sup>(Discente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT)  
[annajulia.silvalira@gmail.com](mailto:annajulia.silvalira@gmail.com)

Nauali Spanhol Ganan<sup>3</sup>(Discente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT)  
[nauali.ganan@gmail.com](mailto:nauali.ganan@gmail.com)

Gislayne Cristina Figueiredo<sup>4</sup>(Docente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT)  
[gislayne.figueiredo@ufmt.br](mailto:gislayne.figueiredo@ufmt.br)

### 1 Introdução

Desde meados do ano de 1960, a psicologia social comunitária no Brasil tem se dedicado a trabalhar com pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade e risco social. Nesse contexto, propostas de intervenção dessa psicologia buscam se consolidar imbricadas com a possibilidade de construção de redes solidárias de convivência humana e de um mundo mais digno e justo à classe trabalhadora. No bojo desse compromisso, o trabalho social comunitário assenta-se em uma intencionalidade emancipatória, dinamizadora de processos criativos e de conscientização, buscando atuar como força libertária e revolucionária (FREITAS, 2011; FREIRE, 2013).

No texto em questão, iremos apresentar alguns resultados obtidos pelo Projeto de Extensão Brincar e Viver em Comunidade (protocolo SIEX/UFMT nº. 170120241017381990) vinculado ao Comuni – Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social Comunitária, do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso. Tal projeto tem como participantes externos, crianças de três comunidades de Cuiabá.

Na realização desse projeto, compreendemos a criança como sujeito em desenvolvimento, sujeito de direitos e, em especial, ser político e criativo, potencialmente revolucionário. Nessa

---

<sup>1</sup> Docente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT, [amailson.barros@ufmt.br](mailto:amailson.barros@ufmt.br)

<sup>2</sup> Discente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT, [annajulia.silvalira@gmail.com](mailto:annajulia.silvalira@gmail.com)

<sup>3</sup> Discente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT, [nauali.ganan@gmail.com](mailto:nauali.ganan@gmail.com)

<sup>4</sup> Docente de Psicologia, Curso de Psicologia da UFMT, [gislayne.figueiredo@ufmt.br](mailto:gislayne.figueiredo@ufmt.br)



medida, sem negligenciar e negar os aspectos biológicos e psíquicos que ocorrem no processo de desenvolvimento humano, o ser criança se constitui a partir das relações sociais, históricas e culturais determinadas pelo contexto do modo de produção da vida material na qual estão inseridas.

A compreensão mais ampla do sujeito criança envolve o reconhecimento de seu desenvolvimento humano e psicossocial como processo histórico e dialético, marcado por atravessamentos de relações sociais de classe, gênero, raça, etnia, sexualidade, relações geracionais (adultos e crianças), hierarquia (adultos e crianças) e políticas. Trata-se, portanto, de uma concepção de criança que carrega a dimensão da pluralidade das marcas históricas e sociais que incidem dialeticamente sobre os indivíduos e a sociedade. Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano e psíquico pressupõe interações sociais.

Naquilo que se refere ao universo infantil, muitas dessas interações ocorrem a partir do ato de brincar. Ato pelo qual as crianças se apropriam das experiências histórico-sociais da humanidade e desenvolvem potencialidades humanas. Nesse processo, brincar possibilita que as crianças se apropriem do mundo ao seu redor, contribuindo principalmente para o desenvolvimento de suas dimensões cognitiva, afetiva e motora.

Dessa maneira, brincar é uma atividade que contribui para o desenvolvimento de grupos infantis de convivência e no processo de pertencimento comunitário. Importa destacar também que o brincar é um ato mediado. Isso implica compreendê-lo como atividade gerada socialmente e com caráter educativo.

## **2 Metodologia**

A metodologia utilizada para a condução do trabalho social comunitário com as crianças estabelece-se no campo das práticas interventivas de abordagem participativa (Fals Borda, 1986). Semanalmente, são realizados três grupos de crianças.

Os encontros com os grupos ocorrem às quintas-feiras pela manhã (Grupo A), aos sábados pela manhã (Grupo B) e tarde (Grupo C). Cada encontro tem duração de duas horas. Participam dos grupos de 08 a 20 crianças, na faixa etária entre 04 e 11 anos. Os grupos se inserem na modalidade de grupo aberto.

Cada encontro se estrutura da seguinte maneira:

- a) Momento inicial de acolhimento dos participantes onde se realiza um lanche, conversas livres e a organização do espaço grupal.



- b) Momento da roda de conversa no qual os participantes compartilham com o grupo, eventos significativos, bons e ruins, da semana. Para garantir que cada participante tenha seu momento de fala respeitado e sua palavra escutada pelos demais, utiliza-se de um bichinho de pelúcia de dupla face, o qual possibilita a quem o está segurando indicar, a partir da manipulação das faces do bichinho, se aquilo que irá relatar será algo bom ou ruim. Esse momento também possibilita o surgimento de temas e diálogos entre os participantes.
- c) Momento em que o grupo de crianças, mediado pelos extensionistas, se envolve em alguma atividade de brincadeira, de técnica lúdica ou formas de expressão artística com o objetivo de sensibilizar, aprofundar e debater determinados temas e/ou situações específicas.
- d) Momento de brincadeiras e de jogos escolhidos pelos participantes do encontro. Brincadeiras e jogos realizados de modo concomitante. Cada criança participa da brincadeira de sua livre escolha.

Após a realização dos encontros é preenchido o diário de campo como forma de registrar os acontecimentos dos encontros e com isso contribuir para a compreensão do processo grupal. Semanalmente, a equipe de extensionistas recebe supervisão de suas atividades de campo e orientações teóricas. A partir das anotações do diário de campo e das observações registradas no processo de supervisão, os dados obtidos foram submetidos a uma análise qualitativa de conteúdo. Os resultados dessa análise e suas discussões serão apresentados a seguir.

### **3 Resultados e discussões**

#### **3.1 Convivência comunitária**

A convivência comunitária é uma dimensão do trabalho social com as crianças que tem se apresentado, em sua intencionalidade, como contribuição para o estabelecimento de diferentes relações interpessoais entre criança-criança, criança-extensionista e extensionista-extensionista. Essa dimensão, em nossa análise, apresenta-se no processo de fortalecimento do viver em comum (em comunidade) de modo que a familiaridade com o outro e consigo mesmo pode ser observada nas trocas que as crianças realizam durante os encontros, dialogando sobre eventos da vida cotidiana particular e comunitária.

Compartilhar as situações boas e ruins vivenciadas de modo mais individual e coletivo, no momento da roda de conversa, tem se apresentado como incentivo ao desenvolvimento de um acolhimento afetivo-comunitário entre os participantes. Assim como intercambiar ideias e saberes no ato de brincar coletivamente tem contribuído para o incentivo ao companheirismo.

Entretanto, o processo grupal das crianças não ocorre ausente de conflitos e expressões de relações de poder. Tais aspectos são considerados elementos a serem trabalhados coletivamente e de modo consciente com o grupo. A convivência comunitária tem contribuído também para o afinamento das emoções e dos sentimentos entre os participantes, bem como para o cultivo da solidariedade e do acolhimento às diferenças.

### **3.2 Temas trabalhados nos grupos e estratégias utilizadas para abordá-los**

Tendo em vista essa noção de um espaço grupal que possibilita a expressão das diferenças, o questionamento, o diálogo e o debate, podemos observar temas que se apresentam com frequência nos grupos de crianças, em especial: as diversas formas de violência contra crianças, a relação pais e filhos, reconhecimento e controle das emoções, violência verbal nas relações interpessoais entre as crianças, pertencimento grupal, comunitário e relação trabalho-capital, tema esse desenvolvido a partir da greve docente e dos técnicos administrativos em educação das universidades federais, em vigência, no momento da escrita deste texto.

Podemos elencar como estratégias mais utilizadas para trabalhar intencionalmente tais temas o uso do teatro, da pintura, da dobradura, de jogos, da contação de histórias, de brincadeiras, da modelagem (argila e massinha) e da improvisação musical (construção de instrumentos e elaboração de paródias).

### **3.3 Dificuldades e Potencialidades**

A partir da análise de conteúdo, é possível apontar dificuldades relativas a: a) como fortalecer a participação e a autoria infantil no desenvolvimento dos planos de ação dos grupos, b) como lidar com as crianças diante de seus relatos de violência familiar e comunitária de modo mais protetivo e com manejo técnico mais seguro, c) como lidar com situações de indisciplinas e desrespeito entre as crianças em alguns momentos dos encontros, d) como potencializar a práxis no processo interventivo, de modo a diminuir a distância entre teoria e



prática e e) como apropriar-se efetivamente dos princípios da intervenção participante no trabalho com grupos de crianças no contexto comunitário.

Esses desafios convergem para o fato de que se faz necessário fortalecer o processo grupal com as crianças de modo que o protagonismo e a participação ativa delas na tomada de decisões sobre as atividades de seus grupos seja uma constante.

Como potencialidades do trabalho verificamos: a) desenvolvimento de um espaço grupal dialógico e acolhedor, b) fortalecimento de noções de pertencimento comunitário, c) desenvolvimento de escuta sensível por parte dos extensionistas e de algumas crianças aos relatos de vivências dos participantes, d) maior aproximação dos participantes sobre o *quefazer* da Psicologia Social Comunitária, e) maior compreensão do uso do brincar como instrumento de mediação, subjetivação e apropriação de significados e f) compreensão crítica sobre desenvolvimento humano e psicossocial infantil.

#### **4 Considerações finais**

A realização do projeto de Brincar e Viver em Comunidade tem se apresentado, até o momento, exequível e viável. Em que pese os desafios apresentados, podemos considerar que o trabalho social comunitário com crianças, apoiando-se no uso de brincadeiras, jogos e atividades lúdica, tem contribuído para o desenvolvimento de um espaço grupal que, além de dialógico e acolhedor, guia-se pelo exercício da criatividade e incentivo a participação como cultura societal.

O projeto atua complementarmente à formação acadêmico-profissional dos extensionistas, de modo que se constitui como espaço de aprendizagem sobre a atuação da Psicologia Social Comunitária. O atuar no projeto pode contribuir para que estes se tornem multiplicadores do brincar como trabalho social comunitário com crianças em outras situações e contextos.

#### **Referências**

FALS BORDA, O. **Conocimiento y poder popular**. Colombia: Editorial Presencia, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, M. F. Q. Práxis e formação em Psicologia Social Comunitária: exigências e desafios ético-políticos. **Estudos de Psicologia** v. ,32, p.521-532, 2015.